

Lago Paranoá precisa de limpeza

CORREIO BRAZILIENSE

urgente

O presidente Fernando Collor de Mello, assim que tomou posse em 15 de março último, afirmou que não economizaria recursos para auxiliar o GDF a despoluir o lago Paranoá. Passados quase cinco meses e com três décadas de existência, o lago continua poluído e cheio de matéria orgânica que veio à tona com a baixa do nível da água, neste período de seca do ano. Nem o GDF e nem outro órgão oficial se mexeu para que obras emergenciais de limpeza do lago fossem executadas. Recentemente, Collor investe na possibilidade de o Brasil vir a disputar a sede das Olimpíadas 2000 e o lago, com o nível de poluição registrado, não servirá para provas de velas e remo.

Foi o próprio Collor que deflagrou a polêmica. Como morador do Lago Norte e praticante de esportes náuticos como **jet-ski**, ele percebeu o perigo que o alto nível de poluição do lago oferecia. A falta de um planejamento efetivo para despoluir o lago Paranoá, vem provocando certa apreensão às autoridades da área de saúde pública. O diretor de Divisão Técnica de Estudos e Pesquisas do Departamento de Limpeza Urbana da Prefeitura de São Paulo, o sanitarista Roberto de Campos Lindenberg, esteve esta semana no DF e já comunicou sua preocupação às autoridades.

“O GDF vai entregar as estações de tratamento Norte e Sul no final de 1990, que cuidarão do processamento dos esgotos nas fases primária, secundária, terciária e final. Como ficará o depósito de resíduos localizado há três décadas no fundo do lago?”, indagou. Ele lembra que as estações construídas na década de 60, têm capacidade para tratamento de esgotos para uma população de até 250 mil habitantes. “O DF já superou esta marca há muitos anos”, diz o técnico.

A discussão vem aumentando a partir do momento em que o lago registrou uma queda acentuada do nível de água, cuja lâmina média tem fica-

do em torno de 13 metros e os resíduos despejados no fundo acabaram expostos nas margens. Recentemente, centenas de peixes apareceram mortos na margem do Lago Sul, próximos à ponte Costa e Silva. “Desde sua fundação o esgoto **in natura** vem sendo despejado aleatoriamente no lago, mais o esgoto semitratado”, explica.

“Temos que mexer urgentemente no lago, com obras de limpeza do fundo, bem planejado para não haver colapso ecológico em breve”, atenvê. Os açoreamentos são menores no Lago Norte, mas no Sul aparecem em vários pontos, principalmente na embocadura dos córregos, perto da primeira ponte. As consequências desta poluição, conforme previsões, são catastróficas: 1) mortandade de peixes, provocando acidente ecológico (já começou); 2) doenças, como a dengue e até a malária; 3) não utilização do lago para prática de esportes náuticos; 4) prejuízos turísticos (milhares de pessoas estão vindo para ver o local onde o presidente Collor pratica o **jet-ski**); e 5) mau cheiro terrível.

Lindenberg diz que uma das formas para evitar moscas é a manutenção de peixes no lago. Nos lugares rasos, sem peixe, há focos de mosquitos e, como consequência, poderão surgir surtos de dengue.

Catedrático no assunto, com formação na Faculdade de Saúde Pública da USP, além de administrar curso básico para gerenciamento de resíduos sólidos na Cetesb, Lindenberg revela também um outro grave problema do lago: concentração de algas. Ele sabe que a Caesb, diariamente, faz o controle desta concentração (com barcos, a companhia distribui algicidas nos locais críticos para evitar a floração, cujo fenômeno ocorreu em 1978), mas lembra que este tipo de fenômeno provoca mal-estar, podendo até ocasionar, em casos extremos, a evacuação dos moradores.